

O dilema da terra prometida



Francine retornou do Afeganistão cheia de esperanças. Não acreditava que fosse possível reviver o drama palestino em outras regiões do planeta. Cinquenta anos de exílio eram demais. Gerações inteiras só tinham conhecido campos de refugiados.

Como membro da organização francesa de ajuda internacional *Ação Contra a Fome*, ela sabia dos perigos de conflitos tão prolongados, como na Palestina, que mantém campos de refugiados desde 1948, quando o Estado de Israel foi criado, depois da Segunda Guerra Mundial.

Desembarcou no aeroporto de Orli em meio a uma tempestade de neve. Sentia ainda o cheiro da poeira que respirara durante um mês de trabalho em Cabul. Não percebeu claramente porque pensou no Líbano naquele momento.

Absorta, caminhou pelas esteiras rolantes. Relembrava as conversas, os afetos e as novas experiências vividas com os jovens de Cabul.

– Francine! – gritou uma voz grave e forte em meio ao aglomerado de pessoas que esperavam no desembarque.

– Nabil! Que boa surpresa! – replicou com um largo sorriso.

Nabil era um poeta que conhecera no Oriente Médio, no campo de refugiados Ein el Hilweh, no Líbano. O rapaz de cabelos levemente cacheados, olhos negros e profundas olheiras, tinha um modo penetrante e misterioso de fitar o rosto alegre da francesinha. Ela encantou-se assim que o conheceu. Estavam juntos havia quatro anos e as atividades da moça, apesar de afastá-la constantemente do rapaz, eram valorizadas e respeitadas.

– Vamos para casa, fiz uma sopa vietnamita para você – afirmou o poeta sorrindo.

– Não acredito! Vamos, diga como fez, para eu saber se está gostosa.

– Claro que está! Quer a receita? – zombou Nabil. – Pois então preste atenção!

Sorria e caminhava a passos largos em direção à saída, arrastando a moça que mal podia conter sua alegria.

– Uma panela de água fervente. Pimenta-do-reino em grão, branca! Sal a gosto. Depois de

bem fervidos, coloque um maço pequeno de coentro verde, sem cortar, para ser retirado antes de servir. Finalmente, coloque meio quilo de filé mignon cortado em cubos pequenos, dois minutos antes de servir. Torradas e queijos devem ser colocados no prato antes de despejar o caldo fervente. Que tal?

- Maravilhoso! Temos um vinho Bordeaux para ajudar a aquecer ainda mais?
- Temos – disse Nabil.

Quando entraram no táxi, o rapaz ficou sério, dizendo que deveria embarcar em dois dias para o Líbano. As negociações entre Israel e a Autoridade Palestina estavam em perigo e novos atentados tinham sido realizados contra o campo Nahr el-Bared ferindo muitas crianças.

A moça fechou o semblante e pensou em todas as crianças que conhecia.

- Quantas mortes? – perguntou, ansiosa.
- Muitas, não sabemos o montante. A situação está muito tensa e o exército libanês reforçou os postos de controle do campo. Não se pode sair ou entrar livremente. Precisam de medicamentos, alimentos e informações. Meus irmãos conseguiram mandar notícias e pedem nossa ajuda imediatamente.
- Está bem, mas como vamos conseguir doações em tão pouco tempo?
- Já providenciamos com o Unicef e a Cruz Vermelha o envio de vacinas, antibióticos, ataduras, seringas e analgésicos. Há também alimentos para os primeiros dias.

Chegaram a um pequeno edifício em Montparnasse, num apartamento de dois quartos, onde moravam. Subiram as escadas estreitas de madeira e finalmente puderam desfazer-se das malas e pacotes que traziam. O estúdio, como é chamado o pequeno apartamento, estava quente e cheiroso, por causa da sopa vietnamita recém-cozida.

Sentaram-se para a refeição. Nabil tentava alegrar o ambiente, mas a hipótese de mortes de outros amigos e parentes pesavam-lhe o semblante.

- Não é possível que a situação palestina não tenha um fim adequado. Meio século de exílio é demais para qualquer um. Não se pode manter a idéia de terra prometida, de paraíso, em meio a tanta guerra e violência – desabafou com tristeza.
- É preciso um amplo movimento em defesa das terras palestinas – disse Francine. – Em Jerusalém é possível perceber que há elos de amizade entre os grupos muçulmanos e judeus.
- São muitos os campos de refugiados no Líbano. A situação é gravíssima. São mais de 150 mil na região Centro-Sul, 25 mil no Norte e mais da metade da população no Sul – disse Nabil.

A urgência do problema ficou martelando na cabeça da moça. Será que os franceses dormiriam em paz, se pudessem ver como a maioria das pessoas estavam vivendo? No Líbano, as crianças não têm escolas, as moradias não passam de ruínas, os bombardeios e atentados são constantes, e a prometida paz já conta com uma espera de meio século.

Mesmo assim, há vida e alegria entre eles. Há resistência e luta. São os refugiados que permitem aos demais povos perceber o sentido e a importância da liberdade – pensou, enquanto acomodava os pés numa almofada que usava para aquecê-los.

Nabil e Francine tomaram a sopa, degustaram o vinho e deitaram-se para descansar, valorizando muito a possibilidade de viver em uma casa simples e confortável.

FOTO Campo de refugiados palestinos de Nahr el-Bared, norte do Líbano, 1998.

MAPA n. 4 Deslocados e refugiados afegãos, curdos e palestinos.

LIVROS DEL PINO, Domingo. *A tragédia do Líbano*. São Paulo: Clube do Líbano, 1989. ■ HADAWI, Sami. *Dossier Palestina*. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1976. ■ HERZOG, Chaim. *The Arab-Israeli wars*. Nova York, Vintage, 1984. ■ MANSFIELD, Peter. *Nasser e a revolução egípcia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. ■ SAID, Edward. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FILMES *Hanna K* (1983, Costa Gravas). ■ *Êxodus* (1960, Leon Uris).

PALESTINA

Em maio de 1948, Israel tornou-se um Estado independente, com um território maior do que o proposto pelas Nações Unidas. Os palestinos perseguidos pelo terrorismo estavam refugiados na Cisjordânia e na Faixa de Gaza. Eles foram entendidos como um problema a resolver e não como um povo refugiado.

Em 1964, Nasser incumbiu-se de forjar uma organização palestina unificada. O Conselho Nacional Palestino (CNP), reunido em Jerusalém no mesmo ano, criou a Organização para a Libertação da Palestina (OLP). O grupo clandestino Al Fatah iniciou uma operação militar em 1965 e, em 1967, estourou a Guerra dos Seis Dias, com a ocupação de toda a Jerusalém por Israel.

Em 1970, a OLP foi expulsa dirigindo-se para Beirute, onde Yasser Arafat, seu presidente, montou seu quartel-general. A organização foi reconhecida como única representante legítima do povo palestino pela Liga Árabe, em 1974.

Os conflitos prosseguiram. Em 1980, Menahem Begin, primeiro-ministro de Israel, e Anwar Sadat, presidente do Egito, firmaram um acordo de paz em Camp David, com mediação dos EUA. Entretanto, o acordo não foi cumprido, tendo o próprio Begin anexado terras palestinas ao Estado de Israel.

Em 1988, o CNP, reunido em Argel, proclamou o Estado Palestino nos territórios ocupados por Israel. Arafat foi eleito presidente do novo Estado. Foi recebido pela ONU, forçando

o presidente dos EUA, Ronald Regan, a iniciar conversações com a OLP. A guerra do Irã contra o Iraque prejudicou a causa palestina, polaridade aprofundada com a guerra do Golfo.

Em 1991, celebrou-se, em Madri, a primeira Conferência de Paz sobre o Oriente Médio, definindo um programa para a devolução de partes do território aos palestinos. Arafat e Rabin (novo primeiro-ministro de Israel) assinaram declaração de princípios sobre a autonomia dos territórios ocupados.

Entretanto, o grupo radical Hamas e o Hezbollah (pró-Irã) continuaram os confrontos armados. Nesse confronto, palestinos e libaneses sofreram a violência dos combates, estando, há décadas, submetidos a extremo sofrimento.

Em maio de 1998, Arafat e o primeiro-ministro de Israel, Benyamin Netanyahu, reuniram-se na tentativa de estabelecer a paz, entretanto, não se chegou a um resultado concreto. Um ano depois, Ehud Barak, candidato trabalhista, foi vitorioso nas eleições israelenses, fato que criou novas expectativas para os possíveis acordos de paz no Oriente Médio.